

**TÍTULO: CULTURA POLÍTICA DO  
MOVIMENTO ESTUDANTIL NOS ANOS 1980 NA UFRN  
AUTORA: MICHELLE PASCOAL MAIA \*<sup>1</sup>**

Os estudantes, ao longo dos anos, vêm se destacando e mostrando sua importância em diferentes momentos da história do país. Tornaram-se agentes de um trajeto de lutas e mobilizações e não se calaram, nem se omitiram diante dos problemas políticos vivenciados pela sociedade brasileira.

Nas escolas e universidades o Movimento Estudantil (ME) aparece como importante ator, encaminhando as lutas específicas, que vão desde a reivindicação por melhores salas de aula, qualificação dos professores, transporte, melhoria na casa do estudante, Residência Universitária e Restaurante Universitário, como nas lutas gerais, na luta permanente por mais verbas na educação, agindo em conjunto com outros movimentos sociais, lutando por transformações na sociedade.

O movimento estudantil, durante o governo militar no Brasil, viveu um período de apatia, os representantes, que não concordavam com o governo, estavam atuando na clandestinidade, resultado da intervenção do governo nos movimentos sociais, diminuindo assim, a participação política dos estudantes.

Durante a década de sessenta, o ano de 1968 se destacou na história do Brasil e do mundo como um período de manifestações dos estudantes e trabalhadores contra o sistema político estabelecido. Desses protestos, destacaram-se os ocorridos em maio de 1968, em Paris, França. Inicialmente, era exigido a reabertura da faculdade de Letras de Nanterre, havendo forte repressão policial, resultando em várias passeatas. Depois a revolta foi ampliada, configurando-se assim, permanentes protestos contra o governo do conservador Charles de Gaulle.

O movimento de maio de 68 na França colocou em xeque o governo do general De Gaulle. Entre 14 a 27 de maio essencialmente, houve uma greve geral, a maior de todo o país. O governo cada vez mais foi sendo desmoralizado, recorrendo ao uso da força para reprimir e acabar com o movimento.

---

<sup>1</sup> UFRN, especialista em História e mestranda em ciências sociais.

No Brasil, em 1968, os estudantes foram às ruas reivindicando mais verbas para educação, contra o acordo MEC-USAID, que dentre outras coisas procurava introduzir o ensino pago nas universidades públicas. Começavam a surgir passeatas, inclusive reunindo cem mil pessoas, ficando conhecida na história pela passeata dos cem mil. Nesse mesmo ano, morreu no Rio de Janeiro o estudante Edson Luís, no dia 28 de março, pela repressão do governo militar, gerando grande revolta na população. A partir daí, o dia 28 de março ficou conhecido em todo Brasil como o dia nacional de luta dos estudantes.

A mortes de vários cidadãos brasileiros, como a crise econômica que havia no país, gerou um descontentamento do povo, passando a haver uma crescente insatisfação da sociedade com governo militar. Entretanto, desta vez, os movimentos populares, não se encontravam sozinhos, seus anseios começavam a ecoar na população, a partir daí, muitos que eram a favor dos governos militares, sentiam a necessidade de mudar de posição aderindo ao movimento amplo pela anistia a todos os presos políticos e exilados do país.

Foi nesse momento que os movimentos sociais retornaram a vida política, participando efetivamente de toda essa luta pela anistia e liberdades democráticas no país, inclusive voltando a se organizar. Os estudantes, sindicalistas e os demais segmentos populares, no final da década de setenta, retornaram ao cenário político brasileiro, desta vez, contaram com uma significativa adesão, da sociedade civil, na luta pela anistia.

Eclodiram as greves em quase todos os lugares, inclusive uma grande greve no ABC paulista, os movimentos sociais voltavam a se organizar, surgindo nesse momento grandes passeatas. Nesse contexto aumentou o apoio as lutas populares, inclusive de setores progressistas da Igreja católica, a princípio ao lado dos militares, começavam a se contrapor à violência, tortura, repressão e mortes ocorridas durante o governo militar.

Além da Igreja, outros setores da sociedade civil organizada, como a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), setores da imprensa, professores, novas lideranças sindicais, partidos clandestinos de esquerda, familiares das vítimas mortas e desaparecidas pelos governos militares, aderiram ao movimento pela anistia, liberdade de organização e expressão.

O ano de 1977 foi o ano da retomada das manifestações contra o governo militar, repressão, censura e tortura de muitos líderes estudantis, aumentam as reivindicações por mais verbas para as universidades, contra os preços abusivos das mensalidades e pela

libertação dos presos políticos. O AI-5 é revogado em 1978 e começa na sociedade uma campanha forte pela “anistia ampla, geral e irrestrita” mobilizando intensamente o Movimento estudantil.

O governo militar estava cada vez mais sem apoio da população, facilitando assim a formação de uma frente democrática contra a ditadura, formada por diferentes setores e forças políticas da sociedade. O M.E participou dessa frente democrática, como também da criação do Comitê brasileiro pela Anistia(CBA), criado pelo movimento popular.

No país inteiro os estudantes começavam a escolher os delegados que iriam participar do congresso de refundação da UNE. Cinco mil estudantes comparecem ao Congresso de Reconstrução da UNE em Salvador. Mesmo com a tentativa de impedir o M.E de se reorganizar, através de votação formal, a UNE foi reconstruída, definindo nesse momento que seus representantes seriam eleitos através de eleições diretas para a diretoria da entidade.

Em agosto de 1979 foi sancionada a Lei da Anistia, porém com algumas limitações, não prevendo a anistia ampla, geral e irrestrita, com a punição dos torturadores, reivindicada pelo CBA. Mas, a anistia garantiu a volta de muitos militantes exilados para o país, que tiveram a possibilidade de retornar a vida pública.

A participação política do movimento estudantil no Brasil e no Mundo merece destaque na história, a maneira pela qual esses jovens se dedicaram de forma voluntária as causas coletivas e se doaram aos interesses comuns, têm que ser analisados. São inúmeros os motivos que levam um jovem se envolver com o movimento estudantil, muitas vezes são interesses pessoais, de auto promoção, carreirismo político, portanto, por uma boa parcela ainda existe um forte compromisso com os interesses do grupo, agindo, acima de tudo, em prol do coletivo.

É importante ressaltar que diferente da organização dos trabalhadores em seus sindicatos e associações, o envolvimento do estudante em suas entidades representativas e no Movimento Estudantil é passageiro, devido à temporalidade da sua condição de estudante. No entanto, devido ao curto tempo de sua condição é comum o dilema das lideranças estudantis, que precisam conciliar os estudos com as atividades políticas, portanto, de um lado enfrentam a cobrança de terminar os estudos e se formar em tempo, de

outro lado, a necessidade de participar e a responsabilidade com os problemas da universidade e do país.

O envolvimento do movimento estudantil universitário no processo de redemocratização do Brasil, desde a participação na luta pela anistia, contra o governo militar, pela abertura política e por eleições “Diretas” para presidente, foi fundamental na conquista de liberdades democráticas e o direito a organização política partidária no país.

Na década de 80, na campanha das “Diretas Já”, a juventude estudantil ocupou as ruas, organizou passeatas e manifestações, participou ativamente do processo de abertura política, sendo personagens importantes nas mudanças, ocorridas, na sociedade, naquele período.

Nessa nova conjuntura, em 1985, a UNE se envolveu na luta pela legalização da entidade. O projeto de legalização da UNE tinha que ser aprovado em duas instâncias: no judiciário e no Congresso Nacional. Primeiro os estudantes venceram na justiça e depois organizaram um grande ato no qual o projeto iria ser sancionado pelo presidente da república, José Sarney. A legalização da UNE aconteceu depois de muita batalha, sendo o presidente da UNE, nesse período, Renildo Calheiros.

Nos anos 80 o momento foi de retomada das lutas estudantis e sociais. Os estudantes voltam a se organizar, mobilizando a juventude universitária em todo país, atuando em parceria com os demais movimentos sociais, agindo com o objetivo de fortalecer a UNE, o crescimento da participação política dentro e fora do âmbito acadêmico.

Novos protestos e passeatas aconteciam naquele período em todo país. As campanhas por diminuição do preço de mensalidades nas universidades particulares, a defesa do ensino público, de mais verbas para a educação, faziam levantar os ânimos para o resgate do espírito inquieto e participativo de parte da juventude brasileira.

É incontestável a importância da UNE nesses processos de conflito político e social, desde a batalha contra os governos militares como no engajamento pela redemocratização no Brasil, lutando pela anistia dos presos políticos exilados do país, como também contribuindo, com toda sua capacidade de liderança e mobilização nas campanhas por “Diretas Já” para presidente da república.

Consideramos, portanto, que o Movimento Estudantil é um importante espaço formador de lideranças. A cultura e a participação estudantil resultou no início da militância política de vários jovens. Muitos desses jovens estudantes ao deixarem a universidade, ingressaram em outras atividades políticas, hoje são parlamentares, sindicalistas, dirigentes partidários, ou seja, o ME capacitou várias lideranças, sendo porém, a primeira instância de participação política de uma significativa parcela, das personalidades públicas, atuantes na sociedade brasileira.

Nesse sentido, as questões a serem investigadas buscarão indagar o cotidiano e as práticas políticas e culturais do movimento estudantil do RN nos anos 80, questionando a dinâmica do movimento estudantil, suas bandeiras de luta, as disputas internas, as diferentes posições e orientações ideológicas, a estrutura das entidades e sua relação com o conjunto dos estudantes, com a sociedade e outros movimentos sociais. Quais eram as práticas políticas e culturais das lideranças estudantis do RN nos anos 80?

No decorrer dos anos, vários estudos têm sido feitos com o objetivo de retratar a participação política dos estudantes na história do Brasil e do Mundo. Dentre os estudos sobre o assunto, destacamos os mais representativos, como o livro de Artur Poener, *O poder jovem: História da participação política dos estudantes brasileiros*. O trabalho aborda a importância do papel político dos estudantes em diferentes momentos da história brasileira, principalmente no período do golpe civil e militar de 1964.

Outro trabalho nessa área foi o livro de Maria Ribeiro do Valle, 1968: *O diálogo é a violência: movimento estudantil e ditadura militar no Brasil*, que foi originalmente uma dissertação de mestrado defendida na UNICAMP. Valle faz um estudo do movimento estudantil na década de 60, demonstrando vários episódios vivenciados pelos estudantes no período, enxergando assim a adesão à luta armada como a única forma de combate à ditadura. A autora percebe a luta armada como o diálogo impossível entre o movimento estudantil e o governo militar.

João Roberto Martins Filho, em *Movimento estudantil e ditadura militar, 1964-1968*, pesquisou o movimento estudantil no período do golpe civil e militar, analisando também a participação política dos estudantes nesse período da história do país. O trabalho da Justina Iva, “*Estudantes e Políticas: estudo de um movimento (RN 1960-1969)*”, analisou o movimento estudantil universitário no RN e suas principais atividades.

A monografia de Altemir Pereira Viana, “Grupos políticos e suas estratégias no movimento estudantil do Amazonas nos anos 90”, estudou o ME no Amazonas, as tendências políticas e a atuação política dos estudantes, a monografia de Adriana Cristina da Silva Patrício, “Estudantes em Perspectivas – Movimento Estudantil Secundarista no Rio Grande do Norte (1982-1992)”, enfocando o movimento estudantil secundarista no RN e a sua atuação política. O trabalho da professora Maria Conceição Fraga “Estudantes, cultura e política: a experiência dos Manauaras”, que relata a experiência dos estudantes amazonenses e a organização das entidades estudantis.

Indo além desses estudos, que são mais voltados para o aspecto político, o nosso trabalho tem o objetivo de investigar a cultura política e as práticas culturais existentes das lideranças estudantis, as produções, atividades e ações elaboradas no âmbito das entidades estudantis, nos anos 1980, na UFRN, de acordo com a dimensão cultural. Pretendemos contribuir com os estudos feitos sobre Movimento Estudantil, Cultura Política e Práticas Culturais no Brasil e no Rio Grande do Norte, trazendo um olhar reflexivo voltado para a cultura presente no cotidiano estudantil, suas produções artísticas e culturais.

Entrevistaremos lideranças e ex-lideranças estudantis de diferentes correntes políticas, diretores e não diretores das entidades, militantes de diferentes lugares e espaços no ME. As entrevistas buscarão recolher dados pessoais e políticos dos depoentes, indagaremos sobre a entrada no ME, se pertence ou pertencia a algum grupo político, as principais atividades políticas que participou e/ou organizou e as disputas internas no movimento.

Outro caminho importante para a pesquisa será o levantamento dos periódicos estudantis, jornais e revistas da imprensa potiguar existentes nos arquivos públicos e privados, nos quais resgataremos matérias, comentários, notícias e imagens sobre as publicações, trabalhos e eventos realizados pelo Movimento Estudantil.

O nosso trabalho está dividido em três capítulos. Discutiremos no primeiro capítulo a participação política da juventude universitária brasileira nos anos 1980, analisando a transição democrática no Brasil e a reconstrução do movimento estudantil no país, sua cultura política e práticas culturais.

O segundo capítulo abordará o movimento estudantil na UFRN nos anos 1980, a transição democrática no Estado do Rio Grande do Norte e a reconstrução do

movimento estudantil. Analisaremos a realidade do movimento estudantil local, a reconstrução do movimento estudantil e a retomada de suas atividades políticas e culturais.

No terceiro capítulo trabalharemos com a cultura política e as práticas culturais presentes no Movimento estudantil na UFRN, nos anos 1980. Refletiremos sobre as atividades, movimentos, produções, eventos e ações culturais desenvolvidas, bem como a visibilidade dessas manifestações estudantis na sociedade potiguar.